

rior? A nossa equipa quer defender, sobretudo, a transparência daquelas que são as nossas causas e a transparência daquelas que são as nossas acções. Nós temos uma equipa muito jovem e, portanto, temos aqui uma responsabilidade em dar voz aos jovens. E, eu, enquanto única mulher cabeça-de-lista, em dar voz às mulheres e àquele que tem sido o nosso papel ao longo do tempo na sociedade.

**Os jovens e as mulheres sentem-se representados na política hoje?** Eu acho que não – pelo menos daquilo que nós temos vindo a conversar com outros jovens – e nós sentimos que esta candidatura inspirou-os de alguma forma a perceber que é possível, que há espaço e que é importante também haver esta representatividade.

**As juventudes partidárias que existem não representam os jovens madeirenses?** Eu acho que esses grupos claramente que representam e têm uma voz muito activa naquelas que são as questões da juventude, mas aqui estamos a falar do paradigma de entrar noutro âmbito em que esses jovens não têm, se calhar, a representatividade que deveriam ter até mesmo dentro dos partidos representam. E acho que no PAN demos um bocadinho esse salto. É essa a diferença, somos de facto uma lista jovem que está a concorrer [às eleições].

**Tendo em conta que os jovens são uma prioridade vossa, que preocupações ou que propostas é que o PAN, tendo representação, levaria ao parlamento regional?** Uma das questões que nós, ao longo deste tempo, temos evidenciado e que queremos levar ao parlamento é exactamente a criação de mais espaços para a juventude. Nós até temos as pousadas e os centros de juventude, mas temos aqui um concelho que está em falta que é o concelho de Santa Cruz, que tem a freguesia do Caniço, que é a segunda freguesia com mais população jovem e onde existe efectivamente falta de respostas neste sentido. Uma das coisas que o PAN pretende apostar na Assembleia é exactamente na criação deste espaço, que depois pode facilitar um conjunto de outras matérias, nomeadamente através da conciliação da vida pessoal, familiar e profissional. Atendendo a que os pais destes jovens maioritariamente trabalham e a que, às vezes, também há falta de respostas na ocupação de tempos livres, a criação destes espaços de juventude pode colmatar o problema.

**Quando falamos de jovens é inevitável falar de educação e emprego, duas questões aliás realçadas pelo ex-candidato Joaquim Sousa. O que é que o PAN preconiza para estas áreas?** Em relação à questão da educação, que não deixa de ser uma preocupação do PAN, defendemos que exista uma maior variedade de formação, tanto ao nível profissional como ao nível universitário nas nossas instituições. Nós sabemos que isso não está à responsabilidade do Governo Regional,

mas pode ser um projecto apresentado à própria Assembleia da República. E, portanto, nós queremos dar mais respostas aos nossos jovens para que eles possam, efectivamente, ter mais opções de escolha.

De salientar também a questão do Porto Santo. Nós, ainda no último fim-de-semana, estivemos reunidos com a Associação de Professores e uma das suas preocupações é, não só ao nível universitário, mas também do secundário. Não existe, efectivamente, muita oferta de formação, o que obriga os jovens a terem que vir estudar para a Madeira. Não existem propriamente apoios para que as famílias tenham a capacidade de os trazer para cá. Portanto, uma solução poderia ser a criação de uma bolsa de estudo, que já existe para ensino superior, mas que não existe para um ensino secundário. Essa será também uma das nossas preocupações para facilitar, não só a vida dos jovens do Porto Santo, mas também melhorar a educação ao nível da Região.

Daquilo que também tivemos oportunidade de observar e ao conversar com as pessoas, apercebemo-nos que o Porto Santo tem alturas altas em que há um 'boom' a nível da hotelaria e da restauração, mas depois no Inverno há uma diminuição do fluxo de pessoas a entrar na ilha e quem lá fica – nestes sectores sobretudo, acaba por ser de certa forma prejudicado. No sentido de conjugar a questão da educação com esta questão do Porto Santo podia ser criado um pólo universitário, com cursos ligados às economias verde e azul e às energias renováveis, o que poderia atrair mais jovens para ilha, até mesmo alunos de Erasmus e professores e docentes de outros países para a parte da investigação. Isso faria com que, mesmo em épocas baixas, continuasse a haver ali um fluxo de pessoas que manteria a economia a funcionar, sem prejuízo de o Porto Santo ser uma ilha que ainda se pode tornar auto-sustentável (...). Somos um arquipélago, que está rodeado de mar, tem imensa exposição solar e, portanto, temos todas as condições para apostar seriamente nas energias renováveis, tanto na Madeira como o Porto Santo, e sermos até um exemplo a nível da Europa. Tem, efectivamente, de haver esta aposta na investigação e na formação e é esse o caminho defendido pelo PAN.

**E na área dos direitos das mulheres quais são os vossos objectivos?** Na área dos direitos das mulheres, nós queremos, sem dúvida, lançar uma reflexão muito mais concreta daquilo que tem sido a questão da violência doméstica, atendendo que a nossa região é das regiões do país com maior taxa de incidência destas situações, e que, apesar de já termos

respostas e de haver um trabalho nessa área, ainda está muito aquém daquelas que são as necessidades destas mulheres e destas pessoas que estão mais vulneráveis e que nem sempre são só mulheres. Portanto, o PAN também aí pretende, efectivamente, repensar estas questões e levar [à Assembleia] um conjunto de medidas que possam aqui atenuar estes números.

**Em relação ao ambiente quais são as vossas propostas?** Neste momento preocupa-nos a questão do turismo em massa, que tem tido aqui um impacto negativo na parte ambiental, com toda a pegada que isso tem deixado e que tem sido muito evidente até mesmo nos meios de comunicação social. Nós pretendemos entrar um bocadinho por aí e tentar colma-



tar algumas coisas.

Nós consideramos também que há falta de espaços verdes, nomeadamente numa cidade como o Funchal. Por outro lado, há a necessidade de protecção dos espaços de terrenos agrícolas. Nós sabemos que estamos num 'boom' de construção, mas é importante também não perdermos aqui os espaços verdes, protegermos os nossos agricultores, protegermos a nossa própria produção, porque depois tudo isso vai levar a que consigamos manter um consumo sustentável, que consigamos garantir que mantemos uma ilha verde, que é aquilo que é atractivo para as pessoas que nos visitam.

Ao nível do turismo defendemos também a questão da taxa turística – protegendo sempre os residentes – para controlar aqui um bocadinho este problema e haver a possibilidade de algum retorno económico para apostar na contínua limpeza das levadas.

**Aquilo que se faz na Região em matéria de ambiente é suficiente?** Eu considero que não se está a fazer o suficiente. Já há coisas que estão a ser feitas, é algo que tem estado muito em cima da mesa, vários partidos têm tocado na questão do ambiente e acho que, até mesmo por parte da

população, há cada vez mais esta consciência de que é importante começarmos a fazer alguma coisa, mas ainda estamos um bocadinho aquém daquilo que já poderia estar a ser feito.

**Referiu-se, antes, à agricultura. Qual é a visão da vossa candidatura para o sector primário?** Além da questão da protecção dos terrenos agrícolas, o PAN tem defendido um conjunto de medidas em relação à pesca de cativo e temos tido sempre esta posição de que é importante haver mais estudos e mais investigação para percebermos aqui, efectivamente, qual é o impacto e quais as alternativas para fazer face ao mesmo. O nosso trabalho consistirá nesta batalha em dialogar, investigar e perceber o que aqui pode ser feito. Essa vai ser uma das nossas grandes bandeiras.

**“Nós gostávamos muito de dizer que devíamos investir num hospital público veterinário, mas não podemos dizê-lo quando temos o hospital público para as pessoas no estado em que está”, afirmou ao DIÁRIO Joaquim Sousa (ainda candidato) quando questionado sobre as propostas do PAN para a causa animal. Concorde?** O bem-estar animal, como é óbvio, é uma das nossas principais bandeiras e aquilo que nós temos defendido sempre é que o ideal seria a construção de um hospital veterinário, mas também compreendemos que há outras coisas que podem ser feitas antes disso.

Uma das grandes dificuldades das associações é a vacinação e o Governo Regional poderia ter um papel fundamental em aumentar o apoio que é dado às associações de protecção animal, bem como na implementação da vacinação gratuita para os animais de estimação.

A adopção tem sido também uma das dificuldades das associações e nós achamos que há vários factores aqui associados, como o facto as pessoas viverem muito mais em apartamentos ou a carga horária que não lhes permite ter disponibilidade para dar a devida atenção a um animal. Por outro lado, sabemos que os custos das creches caninas – um negócio que está a crescer aqui na Região – também não podem ser comportados por todo tipo de família, pelo que também defendemos que poderia haver algum apoio que retirasse um bocadinho destes encargos às famílias.

**Falta uma resposta coordenada entre associações dedicadas à causa animal e o Governo Regional?** Sim e depois também temos aqui o provedor do animal, que é um elemento chave. É um cargo que foi criado e tinha de ter também um papel mais assertivo e mais activo nestas questões.

**Por outro lado, como vê o estado da saúde na Madeira?** Relativamente à questão da saúde nós infelizmente

desde a semana passada temos estado com a questão do ciberataque. Isto compromete a saúde dos madeirenses e dos porto-santenses e o PAN também já demonstrou a sua preocupação nesse sentido, não só porque não sabemos bem o que está a ser feito em termos judiciais, mas efectivamente teria que haver aqui um apuramento de responsabilidades. Depois, temos a questão das respostas que vamos dar a estas famílias, porque tínhamos uma lista de espera que já era grande e vai haver aqui atrasos na execução de exames e outro tipo de cirurgias (...).

Por outro lado, nem todas as pessoas têm acesso ao médico de família e, mesmo a nível de exames, às vezes torna-se insustentável estarem à espera para serem realizados no público e as famílias têm que recorrer aqui ao privado. Nós sabemos que existem respostas alternativas que estão a ser criadas e que nós até consideramos positivas. Por exemplo, a questão do apoio às pequenas cirurgias por parte de outros organismos.

Outra questão de saúde que nos preocupa e que remete também para os direitos das mulheres é a questão da violência obstétrica, que queremos efectivamente levar a parlamento (...) para darmos voz a todas aquelas mulheres que recorrem até nós e nos pediram ajuda de alguma forma e até para prevenirmos no futuro. Até porque quando se fala de natalidade, nós sabemos que não estamos assim tão bem quanto deveríamos.

**Que outras medidas de incentivo à natalidade é que o PAN defende?** O que complica aqui as questões da natalidade é a questão do emprego. As pessoas têm que estar estáveis e com segurança financeira para poderem apostar na família. É preciso haver também uma conciliação da vida pessoal, profissional e familiar, porque a carga horária também não permite que haja disponibilidade para ter crianças e menores a cargo e a própria questão da habitação.

Nós consideramos que é preciso actualizar os apoios que já existem ao arrendamento, porque eles já efectivamente já existem mas estão desenhados daquela que é a realidade actual. É preciso haver mais habitação a custos controlados e é preciso também haver um maior controlo do alojamento local, para garantir que as famílias e os madeirenses não fiquem prejudicados.

**O PAN de Joaquim Sousa afastava qualquer hipótese de coligação. E o PAN de Mónica Freitas?** A coligação que o PAN pretende fazer, neste momento, é com as pessoas e com as causas. Não estamos a colocar nenhuma outra hipótese em cima da mesa, porque o que nos interessa realmente é darmos voz às pessoas que estamos a representar e aos ideais do partido que, se calhar, estavam a ser um bocadinho desvirtuados. Agora estamos fortalecidos e com foco nos interesses dos madeirenses e das madeirenses.